



## HISTÓRIA, MEMÓRIA E IDENTIDADE NUM INSTITUTO DIVIDIDO (1979-1994)

Arnaldo José Zangelmi\*

Universidade Federal de Ouro Preto (UFOP)

[arnaldozan@yahoo.com.br](mailto:arnaldozan@yahoo.com.br)

**RESUMO:** Esse trabalho pretende reconstruir parte da história do Instituto de Ciências Humanas e Sociais (ICHS/UFOP), principalmente sobre o foco das disputas políticas internas decorrentes, em parte, do processo de redemocratização do Brasil. Nossa análise está centrada no antagonismo existente entre grupos distintos dentro do Instituto, um mais localista e tradicionalista, outro mais expansionista e dinâmico. As articulações políticas desses segmentos em conflito se deram, como mostraremos, em várias esferas, como, por exemplo, nas disputas pelo currículo acadêmico do Curso de História, pela distribuição do poder, pela moralidade, etc. Nesse sentido, tentou-se também compreender a formação da memória do ICHS, em estreita relação com essas disputas. Salientamos essa formação principalmente em relação às diferentes noções de democracia emergentes nesse conflito.

**PALAVRAS-CHAVE:** Conflito – Memória – Identidade.

**ABSTRACT:** This work has the objective to reconstruct a part of the Instituto de Ciências Humanas e Sociais's (ICHS/UFOP) history, focusing the political and internal contestations about the new democratization process in Brazil. The reality is centered on the antagonism that exists between distinct groups inside the Institute, while the first one is local and traditional; the other is dynamic and expansionist. The political articulation of these conflicts happened, as we will show, about the contestations of the academic curriculum of the History course, about the power distribution, the morality, etc. In this way, the work is trying to understand the process of memory construction of ICHS, which has a close relation with these conflicts. We point out this formation in relation to the different notions of democracy that appears in this conflict.

**KEYWORDS:** Conflict – Memory – Identity.

Esse trabalho é, em sua parte inicial, uma reconstrução da história dos primeiros anos (1979-85) do Instituto de Ciências Humanas e Sociais (ICHS), da Universidade Federal de Ouro Preto (UFOP), no que se refere às manifestações, articulações e conflitos políticos advindos do contexto nacional, ou seja, uma tentativa

---

\* Mestre em Extensão Rural pela Universidade Federal de Viçosa. Doutorando em Ciências Sociais em Desenvolvimento, Agricultura e Sociedade Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro – UFRRJ. Professor substituto na área de História e Ciências Sociais da Universidade Federal de Ouro Preto.

de entender como os movimentos internos do Instituto se relacionaram com o panorama criado pelo processo de redemocratização do Brasil. Dessa forma, pretendemos entender como a ligação intrínseca do Instituto com forças tradicionais da Igreja Católica relacionou-se com elementos novos absorvidos pela Instituição em seu desenvolvimento.

Em um segundo momento desse trabalho, reconstruímos também parte dos acontecimentos ocorridos de 1985 até 1994. Essa nova fase da pesquisa se refere ao período que vai desde a primeira eleição para a diretoria do Instituto até a saída dos últimos integrantes do Instituto que são considerados do grupo tradicional, o que demarca o fim de uma dicotomia política bem nítida do ICHS.

No referente à memória do ICHS, tentou-se, na parte final desse trabalho, demonstrar o quanto os integrantes dos dois principais grupos do ICHS (novos e tradicionais) articulam sua memória de forma distinta, principalmente em relação às suas noções de democracia.

### **OS ANOS DE 1979 A 1985**

Alguns anos antes da criação do ICHS começaram as articulações de algumas pessoas influentes da região de Mariana e Ouro Preto para a possível criação de uma universidade ou campus de universidade em Mariana. Nesse processo, três pessoas tiveram grande importância: o reitor da UFOP na época, Antônio Fagundes; o arcebispo de Mariana, Dom Oscar de Oliveira; e o cônego José Geraldo Vidigal de Carvalho. Esse trio representa uma parceria entre figuras influentes da Igreja Católica e da UFOP, que atendia aos objetivos comuns de aumentar o tamanho da Universidade e trazer parte dela para Mariana.

Em 1979 esse projeto começou a se concretizar. Uma extensão da Universidade Católica (Faculdade de Filosofia Ciências e Letras Santa Maria/PUC), que funcionava em Mariana, foi anexada à UFOP, o que resultou na criação do ICHS. Nos dois primeiros anos houve a organização dos cursos de História e Letras, quando foi criado um currículo acadêmico, foram formados os departamentos, ou seja, foram criadas as condições para que os cursos pudessem funcionar.

No processo de incorporação da extensão da PUC pela UFOP, vários professores foram também incorporados ao Instituto. Esses professores eram, em sua

maioria, moradores da cidade de Mariana e tinham fortes vínculos com o Arcebispado. Esses foram os primeiros professores do Instituto e eram responsáveis pelas disciplinas introdutórias dos cursos (Língua Portuguesa, Metodologia, Economia política, Introdução à Filosofia, História de Minas Gerais, etc). Em 1982 se iniciaram os concursos e começaram a vir para o ICHS professores de outras regiões, principalmente Belo Horizonte, São Paulo e Rio de Janeiro. Essa entrada de novos professores, com concepções de mundo diferentes das dos professores provenientes da PUC foi um divisor de águas na história do ICHS.

### O CHOQUE ENTRE O ANTIGO E O NOVO

Porque era assim... por exemplo... Atitudes simples que você fazia eram tomadas como antidemocráticas, [...]. Havia uma espécie de fobia pelas coisas que eram...eram...tradicionalistas.<sup>1</sup>

O Instituto nasce com uma ligação nítida com o Arcebispado de Mariana. O arcebispo de Mariana na época, Dom Oscar de Oliveira, foi um dos principais articuladores do processo de criação do Instituto. Sua força política na região e sua intenção de trazer parte da Universidade para Mariana foram determinantes e, aliados aos interesses da UFOP em se expandir, possibilitaram que o ICHS se tornasse uma realidade.

Outro fator que demonstra essa relação umbilical com a Igreja é o fato do antigo Seminário Menor, o local onde o Instituto funciona até hoje, ter sido cedido em comodato pela Igreja Católica. Grande parte da estrutura do curso estava passando pela assistência, material ou organizacional, do Arcebispado de Mariana.

Além dos professores, o primeiro diretor do ICHS era um membro da Igreja, um cônego. O cônego José Geraldo Vidigal de Carvalho foi nomeado (segundo alguns depoimentos, indicado por Dom Oscar) como diretor, sem passar por processo eleitoral em seu primeiro mandato. Essas pessoas, por sua própria ligação com a ala mais tradicional da Igreja Católica, tinham uma visão de mundo tradicionalista, voltada para os interesses locais de Mariana.

---

<sup>1</sup> HB, ex-professora do ICHS (grupo antigo). (Entrevista cedida a Caio Pinheiro Teixeira em 22/02/2003).

Com o início dos concursos em 82, esse grupo mais antigo começou a dividir espaço no Instituto com alguns professores mais jovens<sup>2</sup>, de tendências políticas e acadêmicas mais amplas e novas. Esses professores, normalmente provenientes das grandes metrópoles, tinham posturas políticas influenciadas pelo panorama nacional da abertura política, o que se chocava com a perspectiva política mais localista e conservadora da ala mais tradicional do ICHS.

Existia sim, a divergência: a divergência entre professores de Mariana, do ICHS, professores que tinham vindo da Católica, com os professores de fora, existia uma incompatibilidade entre eles, profissionalmente, tanto na linha de trabalho, quanto na posição. Isso havia, então era muito claro. A maioria dos professores de fora criticava muito os professores que eram de Mariana e os professores que tinham vindo da Católica. Então tinha um clima entre alguns professores. Porque tinha alguns professores que chegavam a criticar abertamente.

[...] Ah. Falavam que eram pessoas que não tinham mestrado, pessoas que tinham feito pós-graduação de final de semana (risos), que não tinham qualificação, que tavam muito atrasados, era nesse sentido as críticas. E eles ficavam ofendidos, eles sabiam, então eles se afastavam, eles acabavam se afastando. Então havia nessa questão.[...]. Sim, sim, sim, essa questão conservadora, a questão religiosa, porque a maioria eram religiosos, entendeu. Então tinha essa questão. Então eram professores que criticavam a questão da religiosidade, falavam que tava misturando religião com história.<sup>3</sup>

Os primeiros anos do Instituto foram marcados por essas diferenças, que influenciaram no futuro do ICHS em todas as esferas. Entender a história do ICHS passa por entender quais os frutos dessa relação entre o antigo e novo, entre o anterior e o posterior<sup>4</sup>, ou seja, entre duas visões de mundo distintas e, muitas vezes, antagônicas. Esse embate se manifestou de várias formas dentro do Instituto, como nas questões do currículo acadêmico, da ocupação dos cargos administrativos, da distribuição do poder, da moralidade, da posição do Instituto frente ao panorama nacional, etc.

Havia uma divisão muito nítida porque uma parte dos professores, principalmente os mais antigos que tinham vindo da Católica, eram professores mais conservadores, de uma faixa etária bem diferente da nossa que estávamos entrando na época. Muitos professores ligados a

<sup>2</sup> Ver Gráfico X (anexo I).

<sup>3</sup> ML, ex-aluna da segunda turma de História do ICHS (entrevista em 14/10/2003).

<sup>4</sup> ELIAS, Norbert. **Estabelecidos e Outsiders**. Rio de Janeiro: Zahar, 2000.

A obra Elias é reveladora nesse sentido, ao abordar as relações sociais, estigmas e enfrentamentos entre um grupo presente numa região há várias gerações e outro forasteiro. Também é revelador seu argumento de que, em momentos de mudanças no equilíbrio de poder (como no processo de redemocratização do Brasil, suponho), essa relação ganha novos contornos.

Igreja, tínhamos dois padres no Departamento antigo. E o Instituto havia sido criado mediante um acordo entre o governo federal, através da UFOP, e o Arcebispo de Mariana, na época Dom Oscar de Oliveira, que era uma das figuras mais destacadas do catolicismo conservador do Brasil na época. Então, eu me lembro, ele fazia medidas de inspeção aqui... Já era universidade federal, mas ele fazia medidas de inspeção, passeava pelos corredores dando o anel para as pessoas beijarem, esse tipo de postura muito antiga, que estava em descompasso com a expectativa das pessoas que chegavam aqui na época. E por outro lado, o Cônego era um pouco o representante do Arcebispo na direção do Instituto. Foi um acordo. Foi federalizado, mas o Arcebispo é que indicou o Cônego como diretor no início. Depois ele foi eleito. Houve eleições e ele foi eleito, mas no início era por indicação. Então, havia muito conflito sim. Tipo, alguns problemas da vida universitária, havia muitos conflitos, com pano de fundo subentendido de natureza política, na época aqui. Depois a coisa modificou um pouco [...].<sup>5</sup>

A ala mais nova, muitas vezes caracterizada em entrevistas como um grupo de esquerda, passa a querer influir nos rumos do ICHS, em suas linhas de ensino, pesquisa e em suas relações com o resto da UFOP e com a sociedade em geral. Essas novas tendências não eram condizentes com as idéias do grupo mais antigo, muitas vezes lembrado como um grupo de direita e antidemocrático. Essa dicotomia foi a tônica do desenvolvimento do ICHS em seus anos iniciais e é, nesse estudo, o eixo central para a reconstrução desse período<sup>6</sup>.

É, tinham. Eu acho que havia aí uma...Existia uma ala bem radical entre os mais novos de pessoas que tavam ligadas a partidos políticos, que iam mais de coloração trotskista, se não me engano. Então, o Vila...eu não sei em que partido o Vila ta hoje, mas ele era do Partido Comunista Revolucionário, era uma subdivisão, que eventualmente até atuava dentro do PT, em fim. Tinha um outro professor que era o Carrouber, também, numa ala de esquerda bastante radical que tentava então trabalhar a renovação contra o Cônego, contra o próprio Gilberto. O Gilberto era extremamente conservador também. Então, havia essa disputa entre essa juventude intelectual e duma ala política mais radical da esquerda e esses antigos.<sup>7</sup>

Havia, na verdade, um descompasso de universo mental, de expectativa. Era gente muito diferente. Nos dois lados era gente muito diferente. Então foi isso que provocou aquela situação.<sup>8</sup>

<sup>5</sup> JD, ex-professor do ICHS (grupo novo) (entrevista em 02/07/2003).

<sup>6</sup> Analisamos essa dicotomia, principalmente, com base nas articulações do Departamento de História, onde essas questões se manifestaram de forma mais nítida. Isto não significa que os outros departamentos não passaram pelo mesmo processo, mas sim que, neste momento, o foco do DEHIS elucida melhor a problemática que estamos abordando.

<sup>7</sup> OR, ex-aluno do ICHS (entrevista em 16/09/2003)

<sup>8</sup> JD, ex-professor do ICHS (grupo novo) (entrevista em 02/07/2003)

## A QUESTÃO DO CURRÍCULO

Dentre as articulações políticas dos primeiros anos do Instituto, a questão do currículo acadêmico foi um aspecto importante. Os dois principais grupos opostos no ICHS se enfrentaram, de certa forma, para que o curso se voltasse para suas preferências. Essa disputa também serviu como importante elemento constitutivo das expressões ideológicas do Instituto, tendo elementos que ultrapassavam a questão puramente curricular.

O professor e membro da administração da UFOP, TC, um dos organizadores do curso de História em seu início, ressalta que a proposta inicial era de um curso com ênfase em História de Minas Gerais:

O grande problema nosso foi em função do projeto político-pedagógico do curso. Foi o fato da gente ter vindo para cá com um projeto de um curso com ênfase em História de Minas, com a idéia de que os professores seriam incorporados a partir desse projeto. E a medida que os concursos foram feitos e os professores vieram de diferentes correntes - de diferentes estados, diferentes concepções da história - e quando foram incorporados no corpo docente, descobriu-se que eles não partilhavam desse projeto originário, o que levou o Departamento a discutir a sua vocação e a modificar a orientação, de História de Minas para História Geral do Brasil<sup>9</sup>

Então a idéia era criar em Mariana um curso de História voltado para a pesquisa do nordeste mineiro, que seria então um curso voltado para a História de Minas. A proposição é de que os alunos fizessem as monografias de bacharelado em torno do tema História de Minas. Quando nós iniciamos o processo de seleção de professores, os professores foram concursados em concursos públicos abertos ao conjunto dos professores no Brasil. Os aprovados vieram do Rio de Janeiro, de São Paulo, principalmente. Foram poucos da UFMG. Principalmente da Unicamp, da USP e da UFRJ, os primeiros professores. E quando eles chegaram [...], quando eles entraram no Curso eles não se integraram no projeto original. Eles entenderam que havia a necessidade de reorientar o Curso de História para a História Geral do Brasil<sup>10</sup>

Como se vê, a proposta (feita por um grupo da UFMG e absorvido pelo grupo tradicional) de um curso voltado para História de Minas entrou em conflito com as expectativas dos professores que vinham das grandes universidades brasileiras do Rio e

<sup>9</sup> TC, professor do ICHS e um dos implantadores da proposta com ênfase em História de Minas (grupo antigo) (entrevista em 12/10/2003).

<sup>10</sup> TC, professor do ICHS e um dos implantadores da proposta com ênfase em História de Minas (grupo antigo) (entrevista em 12/10/2003).



São Paulo. Os professores que vieram de outras regiões tinham interesse em que o curso fosse mais abrangente, o que levou às articulações que resultaram em reformas curriculares posteriores<sup>11</sup>. Um desses novos professores teve papel fundamental nessa mudança, como aponta TC:

Mas ai, há um professor muito importante, depois você tem que entrevista-lo, que é o professor Fico. O professor Fico, ele assume uma espécie de posição de liderança na discussão sobre o processo pedagógico do curso de História. E ele consegue reorientar, na reforma curricular, que ele se dirige, ele reorienta o curso para uma História Geral do Presente, uma delas permaneceu História de Minas - ele tem uma perspectiva conciliadora – a História de Minas permaneceu como área de concentração, mas não a única. Ai foram incorporadas algumas outras áreas. Mas isso foi no decorrer do curso.<sup>12</sup>

Essa questão da formação do currículo do curso de História está relacionada às disputas políticas entre a ala localista do Instituto, que fundou o ICHS, e os professores ditos progressistas, que começaram a chegar depois de 1982. A ênfase da pesquisa no ICHS, em Minas ou Geral, era um elemento importante dentro das articulações políticas da época. Os grupos divergentes estavam disputando espaço acadêmico e político dentro do Instituto, o que, segundo o nosso entrevistado, acabou por trazer prejuízos para o Departamento de História.

No meu ponto de vista, isso também gerou a crise que levou à decomposição do corpo docente do Departamento. No projeto da criação do curso de História, projeto que enfatizava a História de Minas, nós tínhamos proposição de 27 professores, se não me engano.[...]. Na segunda gestão do Cônego a totalidade desses professores já tinha sido contratada. A partir da reforma que foi feita, inclusive com a idéia de criação de um currículo com poucas disciplinas da grade obrigatória e um conjunto de disciplinas eletivas, unidas nesse sistema, e a perda de professores, houve uma diminuição da capacidade do Departamento de explicar a manutenção desses professores. E o Departamento perdeu corpo docente.<sup>13</sup>

TC, ao admitir que seu grupo foi derrotado nas articulações políticas pelo controle curricular do Instituto, sugere também que esta disputa se processou de forma similar na questão do controle administrativo do ICHS.

---

<sup>11</sup> Ver **análise de grades** (apêndice II).

<sup>12</sup> TC, professor do ICHS e um dos implantadores da proposta com ênfase em História de Minas (grupo antigo) (entrevista em 12/10/2003).

<sup>13</sup> TC, professor do ICHS e um dos implantadores da proposta com ênfase em História de Minas (grupo antigo) (entrevista em 12/10/2003).

E historicamente nós fomos derrotados. O grupo que veio para implantar o curso foi derrotado do ponto de vista do projeto pedagógico, porque era a ênfase em História de Minas e vem a reforma curricular e modifica isso. Do ponto de vista do controle administrativo, sai esse grupo (de fundação) e entra o ligado mais as tendências, que na época eram predominantes, as tendências mais a esquerda.<sup>14</sup>

Fontes escritas também puderam nos ajudar a visualizar melhor a forma como a pesquisa no curso foi idealizada no início, como, por exemplo, o texto do Projeto de Implantação<sup>15</sup>, com o estabelecimento das linhas de pesquisa, e os títulos dos primeiros trabalhos apresentados no Instituto<sup>16</sup>, ambos estabelecendo claramente o direcionamento no sentido da História de Minas. Isto também ficou claro quando, na Revista Rua Direita, o Cônego José Geraldo fala sobre a pesquisa no ICHS, restringindo a produção:

Em face adiantada se acha o planejamento do Laboratório de História, a ser paulatinamente implantado, a partir do segundo semestre de 1982, no qual haverá permanentemente projetos de pesquisa em desenvolvimento, dentro da programação traçada para o ICHS, sediado num ambiente *sui generis* no qual inúmeras monografias e teses, referentes à História de Minas, poderão ser elaboradas<sup>17</sup>

O Cônego, nesse mesmo sentido, no relatório anual da direção de 82, afirma que “o bacharel tem por fim ultimo o campo de pesquisa histórica, centrada na História de Minas”.<sup>18</sup> A delimitação estava bem clara no sentido de excluir outras áreas.

Dados referentes às monografias produzidas pelo Instituto na época são válidos para que possamos visualizar os rumos que a pesquisa no ICHS tomou, podendo, assim, estabelecer uma relação com os dados obtidos até agora. Desta forma, pudemos verificar quais foram as conseqüências advindas da reforma que TC aponta.

Como vemos no *Gráfico 2*<sup>19</sup>, desde antes da reforma curricular ser oficializada até os dias atuais, houve um equilíbrio entre a produção sobre Minas e todas as outras áreas somadas. A ênfase do Curso sempre foi em História de Minas Gerais, mas as

---

<sup>14</sup> TC, professor do ICHS e um dos implantadores da proposta com ênfase em História de Minas (grupo antigo) (entrevista em 12/10/2003).

<sup>15</sup> Ver partes do **Projeto de Implantação** (apêndice IV)

<sup>16</sup> Ver títulos do **I Encontro de Pesquisa do ICHS** (1982) (apêndice III).

<sup>17</sup> Cônego José Geraldo Vidigal de Carvalho. **Revista Rua Direita**, n. 9, outubro de 1982.

<sup>18</sup> **RELATÓRIO ANUAL da Direção**, 1982.

<sup>19</sup> *Gráfico 2* (apêndice V)



articulações advindas da reforma e, posteriormente, a própria oficialização da reforma foram determinantes para que o curso se dirigisse também para outras áreas.

Enfim, apesar de todas as disputas políticas e modificações curriculares sofridas pelo curso ao longo de toda sua existência, podemos concluir que esses elementos não afetaram a produção de monografias a ponto de tirar a ênfase do Curso na História de Minas. No entanto, esse grupo que queria um curso mais abrangente acabou por fazer com que o curso não fosse exclusivamente voltado para Minas Gerais, mas permitisse a produção em outras áreas, mudando os rumos da História do Instituto definitivamente.

Podemos, a partir desses dados, levantar algumas hipóteses. Pode-se supor que o grupo de fundação (primeiros professores, da UFMG e da Católica) defendeu como pôde um currículo acadêmico que (além de valorizar a especificidade do curso em relação aos outros cursos no Brasil) beneficiava também alguns de seus integrantes no sentido de valorizar suas especificidades profissionais - pois esse grupo tinha maior intimidade e controle sobre as fontes locais. Isto permitia que esse grupo se articulasse de forma mais eficaz no jogo político dentro do Instituto frente aos novos professores. Os novos professores viam suas perspectivas profissionais, acadêmicas e políticas - que eram voltadas para um âmbito mais geral e dinâmico - limitadas pela restrição do curso, lutando para mudar essa realidade. O que estava em jogo não era apenas o que os alunos e professores iriam produzir, mas também, e principalmente, a posição que cada grupo teria no Instituto, sua identidade, sua força e suas possibilidades posteriores.

Essa disputa pela formação curricular, de fundo ideológico e político, foi um dos focos de conflito entre os principais grupos divergentes dos primeiros anos do ICHS. Essa dicotomia se processou em outras esferas, como, por exemplo, nas questões referentes à administração e à organização do Instituto como um todo. Para entender a história do ICHS é necessário que não se desvie os olhos dessa relação entre o antigo e o novo e suas manifestações que, provavelmente, têm conseqüências ainda hoje.

## **OS ANOS DE 1985 A 1995**

Aprofundado essas questões e levando essa problemática para outras esferas da vida do Instituto foi possível enriquecer a pesquisa de forma esclarecedora em muitos pontos. Entre essas esferas se verificou que a dicotomia entre os grupos distintos

também pode ter sido a principal responsável por articulações referentes à inicial centralização e posterior distribuição do poder na administração do ICHS. Como já foi citado:

E historicamente nós fomos derrotados. O grupo que veio para implantar o curso foi derrotado do ponto de vista do projeto pedagógico, porque era a ênfase em História de Minas e vem a reforma curricular e modifica isso. Do ponto de vista do controle administrativo, sai esse grupo (de fundação) e entra o ligado mais as tendências, que na época eram predominantes, as tendências mais a esquerda.<sup>20</sup>

O controle administrativo do ICHS estava envolto pelas articulações desses dois principais grupos políticos no Instituto. A disputa por cargos, espaço físico (salas, gabinetes, etc) e prestígio acadêmico eram instrumentos políticos corriqueiros dentro dessas disputas.

Em 1985 ocorreu a primeira eleição para a direção do ICHS, na qual foi eleito o Cônego José Geraldo Vidigal de Carvalho, que, como citamos antes, já havia sido diretor desde a criação do Instituto.

Um ponto marcante em todos os depoimentos sobre o período posterior a 1985 se refere à uma possível mudança em relação à centralização do poder por parte da direção do Instituto. Os depoimentos sobre os acontecimentos anteriores a 85 colocam questões sobre a centralização excessiva do poder por parte da direção do ICHS. Após 85, se verifica uma nítida mudança de postura, caminhando no sentido da flexibilidade e da democratização das decisões. O próprio diretor, depois de quase 20 anos, visualiza parte dessas mudanças de postura:

A aceleração da história requer, realmente, uma maleabilidade que inclui um esforço ininterrupto de uma reciclagem permanente. Somente assim são impedidas alienações desastrosas, as mistificações e falácias que geram comportamentos desprovidos de perspectiva história e conteúdo cultural. Não basta a união mecânica entre intenções e deveres, mas urge persistentemente a fusão de posturas, rendimentos e talentos para formação de uma consciência voltada para a emancipação humana e a transformação social.<sup>21</sup>

Numa entrevista muito esclarecedora, nota-se como o ele se lembra da repercussão de suas mudanças:

---

<sup>20</sup> TC, professor do ICHS e um dos implantadores da proposta com ênfase em História de Minas (grupo antigo) (entrevista ao autor em 12/10/2003).

<sup>21</sup> Texto da palestra proferida por CG (grupo antigo) dia 9 de novembro de 2004 no I Encontro Memorial do ICHS.

Os primeiros alunos do ICHS não entenderam bem a abertura. Eles acharam que a abertura era liberdade completa. Inclusive queriam co-gestão. “A gente queria administrar o Instituto em co-gestão com o senhor”.[...] Eu falei: “- Calma lá! Vocês estão entendendo as coisas errado.”[...] Então eu tive que fazer uma educação pedagógica para eles entenderem que liberdade era essa.[...] Mas depois eles entenderam que tinham que participar através dos representantes. Eles entenderam isso perfeitamente, tanto que um aluno chegou a me falar; “ – Oh professor, o senhor mudou muito.”. Eu falei: “- Pra melhor ou pra pior?”. “ – Pra melhor” “– Pois então, não fui eu que mudei, foi o contexto histórico que mudou e você tem que...”..Não é se adaptar ao contexto histórico também de acordo com a ditadura, mas também você não pode ficar dando murro em ponta de faca.<sup>22</sup>

Apesar de dizer que não mudou, ele se refere, como na citação anterior, claramente a uma adequação a um novo contexto histórico, que é a democracia. Ao notar que isso poderia sugerir que ele se adequou também a ditadura militar, o contexto anterior, ele procura justificar sua afirmação. É evidente uma mudança de postura após 1985.

È possível que as articulações políticas preliminares ao processo eleitoral do ICHS e a diminuição contínua do quadro de professores da ala tradicional tenham acarretado um processo de maior distribuição de poder.

O Cônego foi diretor por duas gestões. A primeira gestão foi a gestão de implantação. Ele, na verdade, não foi nem mesmo escolhido pela comunidade. Ele era o diretor indicado pelo Reitor, a partir das administrações que foram feitas anteriormente. E ele foi o diretor encarregado de implantar o Curso. [...]. Esse primeiro período, que é o período de implantação do curso, ele foi muito problemático...Porque o Cônego...ele...era o antigo diretor da Escola, na época a Escola era Católica. Ele foi incorporado pelo ensino universitário e ele, no primeiro momento, ele incorporou também, na sua gestão administrativa, as suas características da administração eclesiástica.

[...] Ele tinha uma capacidade de compreender as situações e negociar muito grande. Então logo ele se adaptou às normas universitárias na medida que os professores foram chagando, os novos professores provenientes de diferentes lugares: Rio de Janeiro, São Paulo, Belo Horizonte.

[...] Bom, a primeira era a questão da forma de administrar que era, no primeiro momento, muito conservadora. Ele não era diretor capaz de colocar os problemas numa discussão com a comunidade. E ele teve que se adequar ao padrão de administração da Universidade. Por exemplo, a questão dos órgãos colegiados, a assembléia departamental, etc. Tudo isso criou problemas que ele teve que enfrentar. Agora ele, como ele tinha muita flexibilidade, ele aprendeu a conviver com isso. Mas no primeiro momento teve muito conflito.

---

<sup>22</sup> Entrevista cedida por C G (grupo antigo), em 13 de agosto de 2004.

Alguns professores inclusive chegavam a fazer críticas muito severas.<sup>23</sup>

Nesses trechos pode-se notar que o entrevistado fala claramente de sua percepção de uma mudança de postura por parte da direção do Instituto e como essa mudança estava ligada á presença de grupos distintos. O entrevistado também coloca a ligação dessas mudanças de posturas com o choque entre uma herança da administração da extensão da Universidade Católica e a chegada de novos professores.

## MEMÓRIAS E A QUESTÃO DA DEMOCRACIA

### Memória Social

O principal conceito necessário para entendermos a identidade do ICHS é o de *memória*. Para Bergson, que acompanha concepções advindas dos primórdios do pensamento sobre esse conceito, a memória seria um fenômeno basicamente individual, mas, e essa é sua inovação, encontra também elementos para sua formação na matéria<sup>24</sup>. Levando essa idéia para a sociologia, Halbwachs demonstra as influências sociais da formação da memória.

Autor de influência durkheimiana, ele considera que a memória é um fenômeno construído socialmente no presente. Segundo ele, o que uma pessoa lembra não é o que realmente ocorreu, mas sim uma construção que se atualiza de forma contínua. A lembrança seria uma representação criada no presente, de acordo com as referências, significados e preocupações atuais. As características do presente que mais influenciariam na formação da memória seriam as advindas da socialização do indivíduo. Halbwachs conceitua os *quadros sociais de memória*, que seriam os grupos sociais nos quais os indivíduos dividiriam e alimentariam uma simbologia comum através do próprio mecanismo de socialização<sup>25</sup>. Desta forma, cada grupo teria uma memória específica, ligações fixas entre suas referências sociais e o que seus integrantes lembram. Lembrar seria uma atividade coletiva, relacionada tanto com o outro quanto consigo mesmo.

---

<sup>23</sup> TC, professor do ICHS e um dos implantadores da proposta com ênfase em História de Minas (grupo antigo) (entrevista ao autor em 12/10/2003)

<sup>24</sup> BERGSON, Henri. **Matéria e Memória**: ensaio sobre a relação do corpo com o espírito. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

<sup>25</sup> HALBWACHS, Maurice. **Les Cadres sociaux de la mémoire**. Paris: Albin Michel, 1994.

A memória individual seria a síntese entre as influências dos diversos grupos aos quais o indivíduo estaria integrado. Na sociedade de hoje, onde vários grupos sociais distintos convivem de forma mais dinâmica e intensa, as memórias individuais podem ser frutos das mais diversas combinações entre grupos. Uma pessoa pode ser de um grupo religioso, trabalhar numa fábrica de automóveis, estudar em uma universidade e jogar futebol no time do bairro. Todo esses focos de socialização influenciam na memória do indivíduo, gerando uma diversidade grande entre as memórias individuais, pois dificilmente encontramos indivíduos com as mesmas experiências de socialização.

Pollak explora a ligação entre a memória e a identidade de um grupo. Vendo a identidade como imagem de si para si e para os outros, ele coloca três elementos básicos para a construção da identidade: a unidade física, a continuidade temporal e a coerência de um grupo<sup>26</sup>. Pelo valor da memória para a continuidade e coerência de um grupo, Pollak mostra a ligação íntima existente entre identidade e memória.

Podemos portanto dizer que a memória é um elemento constitutivo do sentimento de identidade, tanto individual como coletiva, na medida em que ela é também um fator extremamente importante do sentimento de continuidade e de coerência de uma pessoa ou de um grupo em sua reconstrução de si<sup>27</sup>

Para Pollak, “a construção da identidade é um fenômeno que se produz em referência aos outros [...] por meio da negociação direta com os outros”.<sup>28</sup> Dessa forma, memória e identidade não são elementos essenciais de um grupo, mas sim frutos de relações entre os grupos, ou seja, “valores disputados em conflitos sociais e intergrupais”.<sup>29</sup>

Sendo assim, a memória de um grupo segue certos padrões de relações que passam principalmente pela valorização do grupo em relação ao restante da sociedade. Essa valorização pode ser expressa de diversas formas como na busca pela coerência interna do grupo; na valorização das especificidades do grupo; na denúncia de injustiças sofridas pelo grupo, etc.

## A QUESTÃO DA DEMOCRACIA

<sup>26</sup> POLLAK, Michael. Memória e identidade social. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro: CPDOC, n. 10, 1992.

<sup>27</sup> Ibid., p. 204.

<sup>28</sup> Ibid.

<sup>29</sup> Ibid., p. 205.

Nesse panorama é que podemos notar um foco de valorização, em relação à sociedade toda, referente ao papel ocupado pelo Instituto no processo de abertura política. Nessa questão a memória do ICHS se dirige para uma ênfase na participação de seus integrantes nos movimentos de democratização. Essas lembranças reforçam positivamente a identidade do Instituto frente à sociedade, tornando-se um elemento importante dentro do jogo social.

Mas os nossos alunos eram importantíssimos, e os nossos professores, no universo da UFOP, eram os mais politizados, no universo da UFOP eram [...]

Então, assim, quer dizer... quaisquer reuniões de professores em Ouro Preto o ICHS ia em peso, o ICHS ia em peso. Então nós íamos em peso pra lá trabalhar. Era um pessoal reivindicador, não era essa calma que há hoje no ICHS. Eu estou ficando assustada hoje com o ICHS. O ICHS além de tudo, nessas horas de luta, ele era unido. Nós nas greves nos tínhamos um aparato de greve que ninguém tinha na UFOP, de tão bem feito. Eu sempre trabalhei nos fundos de greve, eu era fundista. Mas nós levantávamos dinheiro pra manter greve. Nós éramos muito sérios e muito trabalhadores. E éramos democratas mesmo. Nós tínhamos a idéia de que nós tínhamos que implantar uma democracia, que o conhecimento tem que ser para todos, mas um conhecimento dado com condições para tal. Então nós exigíamos livros, nós exigimos espaço físico, nós exigíamos professor, e nós éramos respeitados na UFOP toda.<sup>30</sup>

Quer dizer, nesse momento que eu to falando, quando eu cheguei aqui, ele foi um momento muito específico, foi o momento da abertura, das diretas, ninguém era contra. Até o mais arraigado conservador em todos os aspectos não ia ser reacionário a ponto de achar que tinha que...a manutenção das eleições indiretas ou da própria ditadura militar. Não é isso? Então, existia um grande consenso, que envolvia todo mundo, tanto os de direita quanto os de esquerda, dentro do Instituto, de que tinha que...Ou que, ou seja, de se apoiar aquele movimento mais geral. Ou seja, que era o clima, eu acho, da frente ampla pelas diretas já.<sup>31</sup>

No entanto, o ponto mais interessante dessa questão (e que confirma ainda mais a teoria de Pollak) é que hoje as recordações sobre o que era essa busca pela democracia variam claramente de acordo com o grupo político de cada entrevistado. Quando questionado sobre algumas atitudes antidemocráticas de Dom Oscar, arcebispo de Mariana na época, CG, em defesa, coloca que existem estratégias democráticas

---

<sup>30</sup> HB, ex-professora do ICHS (grupo antigo) (Entrevista cedida a Caio Pinheiro Teixeira em 22/02/2003).

<sup>31</sup> OR, ex-aluno do ICHS (entrevista cedida em 16/09/2003).



distintas, deixando um pouco obscuro como se processava essa busca “reservada” pela democracia.

Nós temos que trabalhar sempre a favor da democracia, porque toda e qualquer ditadura tem que ser condenada. [...] Também não adiantava...Há processos. Você tem que usar uma metodologia para reverter a situação. O que aconteceu com muito brasileiro ai é que acabou sendo preso e não conseguia o que ele queria. E alguns ficaram aqui no Brasil armando, no bom sentido, a volta da democracia. O Dom Oscar é um deles.<sup>32</sup>

Quando questionado sobre essa posição, um entrevistado do grupo novo demonstra desacordo com essa idéia, criticando o discurso democrata do grupo antigo.

Eu acho que eles eram democratas da mesma maneira que os próprios militares diziam que eram democratas, que iriam restabelecer a democracia e tudo mais. Não havia um discurso de defesa explicita de um regime duro, militar, isso não havia. Mas havia uma acomodação, comodismo, digamos assim, em relação à situação. Não achavam que se devesse tentar nada demais.<sup>33</sup>

Há, no mínimo, dois conceitos distintos de democracia nas memórias do Instituto. Nenhum dos grupos se coloca como oposto á democracia, pois, como vimos, essa questão é fundamental para o fortalecimento da identidade de Instituto, tendo reflexos positivos no âmbito grupal e pessoal. Mas, talvez como alternativa diante de um possível paradoxo em seu passado, os entrevistados concebiam noções de democracia distintas.

Os que fizeram parte do grupo que chegou posteriormente, que tinham ideais motivados pelas mudanças na política nacional, têm um conceito de democracia enquanto mudança política e sistêmica, como distribuição política do poder para todas as instâncias da sociedade.

Defendíamos propostas avançadas, falávamos até em co-gestão do ICHS. Tínhamos o apoio dos alunos que em massa votaram no. Celso. Eram politizados, com uma tremenda vontade de participação política e muitos eram excelentes alunos. Na greve de 85 quem apresentou a proposta numa grande assembléia no auditório da Geologia fui eu. Quem deu as cartas na greve foi o ICHS mas a direção da ADUFOP era presidida por um colega da Nutrição, Marcos. Lutávamos por um aumento salarial mas também pela democracia interna - falávamos em Estatuinte, eleição direta para reitor e por aí ia.<sup>34</sup>

---

<sup>32</sup> Entrevista cedida por C G (grupo antigo), em 13 de agosto de 2004.

<sup>33</sup> JD, ex-professor do ICHS (grupo novo) (entrevista em 02/07/2003).

<sup>34</sup> VL, ex-professor do ICHS (grupo novo) (entrevista cedida em 08/08/2003).

Note-se que, claramente, o entrevistado associa democracia à distribuição do poder, trazida, nesse caso, pela co-gestão, pela Estatuinte e pela eleição direta que defendia.

Diferentemente, o grupo mais antigo e tradicional, quando exalta a democracia, fala nela como busca pela igualdade em outras esferas, como na educação, saúde, etc. Uma busca por condições de bem estar para todos, mas sem mencionar a questão do poder, da tomada de decisões.

Quando HB diz que “no momento que ele (Departamento de História) era politizado, ele fazia tudo pra que..., pra questão da equidade, da igualdade social..., da democracia”<sup>35</sup> ela está considerando democracia como sinônimo de justiça social, de igualdade na escala social e não de divisão do poder, de descentralização, de igualdade no âmbito da representatividade política, como concebia o grupo mais novo. Essa diferença está também presente nas discussões clássicas sobre democracia, como, por exemplo, em Tocqueville.<sup>36</sup>

Podemos supor que a memória, muitas vezes, se refugia em ambivalências, ambigüidades que escondem lutas pela formação da identidade pessoal e grupal. Hoje, dada a conjuntura política, seria traumático e repulsivo defender uma postura contra um ícone de nosso tempo que é a democracia. Talvez distorcer esse ícone, transformá-lo em algo mais próximo de sua conduta, seja um artifício inconsciente e comum da memória para proteger as pessoas dos traumas e angustias de uma visão de mundo condenada.

### CONSIDERAÇÕES FINAIS

O ICHS, em seus primeiros anos de existência, foi palco de disputas importantes para a constituição de sua história e sua memória. Sua ligação com o Arcebispado de Mariana e com forças políticas tradicionais da região, aliada a crescente

---

<sup>35</sup> HB, ex-professora do ICHS (grupo antigo) (Entrevista cedida a Caio Pinheiro Teixeira em 22/02/2003).

<sup>36</sup> Apenas como ponto de partida para futuras reflexões sobre esse assunto, note-se que essas noções de democracia fazem parte de um, talvez ambíguo, tema Tocquevilliano. A democracia para Tocqueville é a ordem dos costumes no caminho da igualdade, tanto atingida de forma livre quanto despótica. Ou seja, democracia não é necessariamente o fracionamento do poder, sua distribuição para os diversos segmentos sociais, descentralização das decisões, mas também podendo ser configurada numa igualdade social dada por um soberano despótico. (TOCQUEVILLE, Alexis de. **A Democracia na América**. Belo Horizonte: Itatiaia, 1980.)

chegada de novas forças influenciadas pelo panorama de abertura política do país, foi preponderante nesse processo.

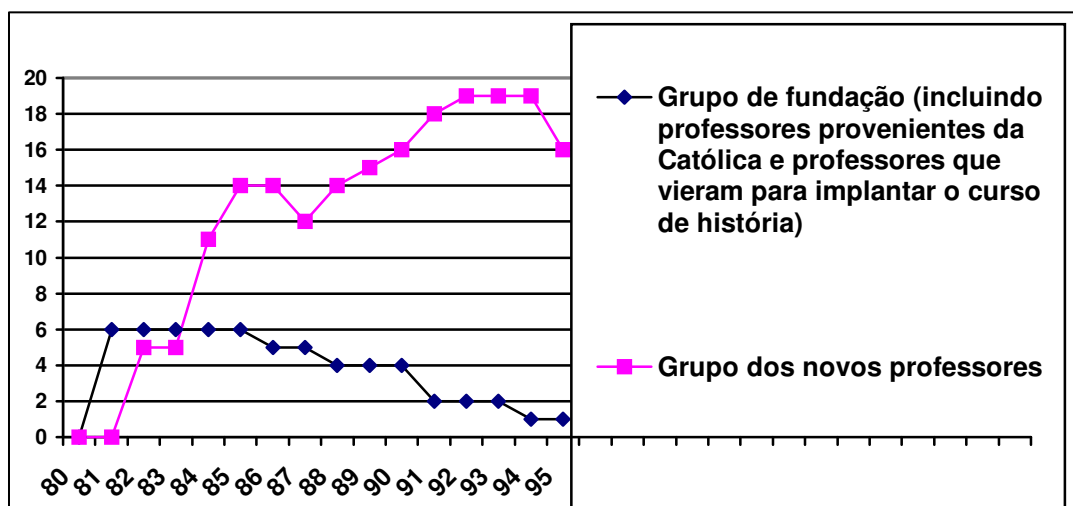
De 79 a 85 tivemos o período de constituição do Instituto e da presença de poderes centralizadores, tradicionalistas e regionalistas em choque com as novas tendências democratizantes e abrangentes que entravam em cena, tanto do ponto de vista ideológico, quanto dos pontos de vista político e educacional. De 85 a 94 tivemos uma resolução mais visível desse conflito, com a eleição para a diretoria e com uma crescente descentralização do poder. No entanto, esses conflitos e esse desfecho tiveram conseqüências claras para a constituição da identidade do ICHS e da identidade dos diversos segmentos que o constituíam.

A questão da democracia passou a ser tanto objeto de identificação e valorização do ICHS perante a sociedade quanto objeto de constrangimento e evasão por parte dos integrantes do segmento tradicionalista em relação às cobranças atuais. Isso ficou claro na ambigüidade da memória dessas pessoas.

Essas considerações evidenciam o quanto o processo vivido por um grupo contribui para a formação da visão de seus integrantes sobre esse seu passado. A memória se constitui por estímulos trazidos por lutas travadas pelo poder, pela identidade, ou seja, pela relação com *o outro*. A referência para a lembrança está alicerçada em nossa consciência da presença, das opiniões, dos interesses, da identidade, etc, das outras pessoas que nos rodeiam. Lembrar não é um ato solitário.

## APÊNDICE

**I: Gráfico 1 (referente ao quadro de professores do DEHIS)**



## II: Análise de grades

Nessa tabela encontra-se o provável primeiro quadro de disciplinas do DEHIS, que contemplava a proposta inicial do Curso em direção à História de Minas. No entanto, essas informações só puderam, até o momento, ser colhidas em documentos não datados, sendo consideradas como primeira grade pela suas condições materiais (eram as mais desgastadas entre todas as grades encontradas) e pelos depoimentos colhidos (as disciplinas coincidem com as que os entrevistados das primeiras turmas disseram ter estudado).

<b>Matérias</b>	<b>Disciplina(S) desdobrada(S)</b>
Introdução à metodologia	Introdução à metodologia científica A
Estatística	Estatística Aplicada
Língua Portuguesa	Língua Portuguesa
Metodologia da História	Introdução aos Estudos Históricos Metodologia da História Historiografia Brasileira
Civilização Ibérica	Civilização Ibérica
Hist. Das Idéias políticas	Hist. Das Idéias políticas/Sociais
História do pensamento econômico	História do pensamento econômico
Hist. Da Arte	Hist. Geral da Arte
Antropologia	Antropologia Cultural
Int. a Filosofia	Iniciação Filosófica
Economia política	Economia Política
Tec. de pesq. Histórica	Técnica e projeto de pesquisa histórica Desenvolvimento de proj. de pesq. Histórica Estágio Supervisionado: Arquivos Históricos
História de minas Gerais	História de minas colonial História de Minas XIX e XX

Algumas disciplinas acrescentadas posteriormente (a partir de 82), provavelmente em decorrência das disputas pela formação curricular do DEHIS.

<b>Acrescentadas</b>
História Antiga
História Medieval
História Moderna
História Contemporânea
História da América
Sociologia
Estudo de problemas brasileiros
História da América Séc XIX e XX
Hist. Da América Colonial

### **III: Títulos apresentados no I Encontro de Pesquisa do ICHS (27 a 28 de maio de 1982)**

Título: Minas Colonial, Etnologia do Sistema Colonial- séculos XVIII-XIX: transição. Autor: Crisoston Tertio Vilas Boas

Título: O sentimento nativista do ouropretano. Autora: Elizabeth Salgado de Souza

Título: Política e Crise do Sistema Colonial em Minas Gerais. Autor: Gilberto Guerzoni Filho

Título: Manifestações folclóricas de identificação em comunidades de garimpo em Minas Gerais. Autor: Lázaro Francisco da Silva- José Moreira de Souza.

Título: Fontes Históricas de Minas Gerais. Autora: Maria Efigênia Lage Resende (Coord.). Gilberto Guerzoni Filho e Helena Maria Amorim Dias.

### **IV: Projeto de Implantação do Curso de História (anexo I do Relatório Anual da Diretoria-1982), reproduzido em parte.**

“A Comissão encarregada pela Assembléia Departamental de História de supervisão e acompanhamento do projeto do Laboratório de Pesquisa Histórica, [...] considerando a necessidade da adequação dessas linhas à riqueza do acervo e à realidade regionais[...], optou pelas linhas:”

- 1) Economia de Ouro em Minas Gerais;
- 2) Sociedade mineradora: ideologia e movimentos sociais;

- 3) História da igreja em Minas Gerais;
- 4) História da arte: o barroco em Minas Gerais;
- 5) Ensino de História no 1º e 2º graus.

**V: Gráfico 2 (referente ao conteúdo das monografias de bacharelado dos alunos do curso de História).**

